

A IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA E PSICOPEDAGÓGICA DO DESENHO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.

Genilza Alves da Silva Mello¹

Comunicação oral.

Resumo.

Trabalho cujo principal objetivo é destacar a importância pedagógica e psicopedagógica do desenho no processo ensino aprendizagem. Podemos aqui, dizer que a arte de desenhar acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos, os homens das cavernas já desenhavam nas rochas, tanto sentimentos como coragem, dores, amores ou temores, quanto hábitos do cotidiano, e atualmente são atividades comuns da vivência das crianças que frequentam o ambiente escolar cada vez mais cedo. Por essa razão, aponto que a necessidade de estudar o desenho e sua importância no processo de ensino, justifica-se, por ser um recurso que coopera com realizações previstas nas propostas políticas e pedagógicas desenvolvidas na escola. É resultado de uma pesquisa bibliográfica, que fundamentou teoricamente e orientou nossa escrita. Apoiado em autores clássicos, e contemporâneos, tais como Vygotsky, Wallon e Piaget, Porcher, Iavelberg, Ferreira, Ghirladeli, Heyvwood, Kuhlmann Jr., Merisse, Vasconsellos, Almeida, Leite, Oliveira, Sans, Cunha, Porto, Moreira e outros. Estruturado em quatro partes, sendo a primeira, um breve histórico da infância, nessa parte apresentei as diferentes concepções de infância historicamente constituídas, na segunda destacamos a importância do desenho no desenvolvimento e aprendizagem da criança, confirmando que a criança enquanto desenha apropria-se de saberes que promovem seu desenvolvimento integral, na terceira parte analisamos o papel do professor mediador no processo do ensino do desenho, a partir do conceito da Zona do Desenvolvimento Proximal, e finalmente o quarto capítulo a importâncias psicopedagógica do desenho, no qual destacamos o conceito e objeto de estudo da psicopedagogia, bem como a importância do desenho no processo de atendimento do psicopedagogo.

Palavras-chaves: Desenho. Ensino aprendizagem. Infância. Papel do professor. Psicopedagogia.

¹ Graduada em pedagogia pela UniEvangélica, especialista em educação infantil pela UFG, e bacharel em educação cristã pelo seminário teológico cristão do Brasil, cursando psicopedagogia pela Faculdade Católica de Anápolis.

Introdução

O interesse por esse tema surgiu quando realizei o trabalho de conclusão de curso da graduação e pesquisei sobre a importância do desenho na educação infantil, focalizando o ensino de técnicas que despertam e facilitam a escrita da criança.

Optei por dar continuidade com essa pesquisa, porém, com enfoque diferente, tais como: qual o conceito do desenho, quais as fases do desenvolvimento gráfico, como a criança se apropria do desenho e qual o papel do professor nesse processo. Questões que surgiram da prática em sala de aula, enquanto professora ao longo de nove anos, três desses na Rede Municipal de Anápolis, atuando na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Em busca dessas respostas, apropriei-me de pensadores clássicos como Vygotsky, Wallon e Piaget, bem como de autores contemporâneos como Porcher, Iavelberg, Ferreira, Ghirladeli, Heywood, Kuhlmann Jr., Merisse, Vasconsellos, Almeida, Leite, Oliveira, Sans, Cunha, Porto, Moreira e outros. Através desse processo construí novos saberes que motivaram a realização desse trabalho e que apesar de possuir o mesmo objeto de estudo da graduação apresenta uma perspectiva totalmente diferente.

E atualmente estudando psicopedagogia retomo o mesmo assunto, pois percebo o quando o desenho revela o vínculo e a vivência do aprendente, e revela também o que não foi dito nas entrevistas e encontros do sujeito com o psicopedagogo.

Apresentando em quatro partes os resultados dessa pesquisa bibliográfica, na primeira parte, tratamos sobre um breve histórico da infância, onde apresentei as diferentes concepções de infância historicamente constituídas, enfatizando que a concepção de infância dá-se socialmente, desta forma os rumos políticos e econômicos de uma sociedade transformam a visão e percepção que temos da criança.

Na segunda parte, destacamos a importância do desenho no desenvolvimento da criança, focalizando que ao desenhar, a criança apresenta seu mundo interior e seu imaginário, bem como observa e transforma a sua realidade, proporcionando a criança um desenvolvimento integral.

Na terceira parte, tratamos sobre o papel do professor no processo do ensino do desenho, discutimos a importância do professor nesse processo, sendo ele, aquele que desafia

o aluno a realizar sozinho aquilo que já faz com ajuda do professor. Um sujeito mais experiente que oferece caminhos para novas descobertas e motiva o desenhista a continuar comunicando-se por meio dos desenhos.

Na quarta parte deste trabalho, destacamos a importância psicopedagógica do desenho, abordando o conceito e o objeto de estudo da psicopedagogia e a importância do desenho no diagnóstico do psicopedagogo.

Um Breve Histórico da Infância e da Educação Infantil

Pontuamos aqui momentos históricos que modificaram profundamente a concepção social de infância. E que se tornam fundamentais para a compreensão da importância do desenho no desenvolvimento da criança, que nem sempre foi vista e atendida como vemos hoje.

Na Idade Média e Pré-Moderna a criança era vista como um ser incompleto. “Infância é o “ser sem devir” e nesta transitoriedade se anulou por demasiado tempo a complexidade da realidade social da criança.” (SARMENTO, 2007, p.26).

Para Sarmiento (2007), um momento histórico no qual a criança não tinha infância, suas atividades, vestes, comportamento, brincadeiras e até mesmo o trabalho não era diferente dos adultos, eram adultos em miniatura, é uma concepção que destaca um momento em que as necessidades da criança não eram vistas.

Já no final da Idade Média, tiveram início nas famílias burguesas as novas percepções de infância, necessidades específicas dessa idade, mudanças na maneira de ver a criança, agora vista como inocente sagrada, uma criatura de Deus. Conforme descreveu Heywood (2004).

Segundo Veiga (2010) a Revolução Industrial marca a Idade Moderna, apresentando a nova estrutura econômica e social que também modificam a concepção de infância, a criança neste momento é vista como ser frágil e dependente. Ela não produz, portanto, é responsabilidade do adulto. Na família, que se torna protetora, as mães educam as filhas, os pais instruem os meninos.

A concepção de inocência da criança começa a se desfazer abrindo espaço pra concepção de maldade, Sarmiento (2007, p.31) A criança nasce “com potencialidade permanente para o mal”. A visão social de criança má está associada a crianças de classes populares. Veiga (2010) apresenta que essas crianças já trabalhavam em indústrias e fábricas, trabalho de baixo custo que interessava aos patrões.

Nesse contexto a escola surge com dupla missão domar essa natureza pecadora, destacando-se com uma educação redentora e disciplinadora, bem como, preparar a criança burguesa para comandar as classes menos favorecidas, mantendo assim a supremacia da classe burguesa.

A Importância do Desenho no Desenvolvimento da Criança

Para compreensão da importância do desenho no processo de ensino aprendizagem da criança, iremos destacar alguns autores que conceituaram o que é desenho. Moreira (2002 p. 102) o desenho é: “O conjunto das atividades humanas que desembocam na criação e fabricação concreta, em diversos materiais, de um mundo figurativo, de um mundo de figuras”. Sans (2002, p.19) define que “o desenho é qualquer representação gráfica, colorida ou não de formas”.

Ferreira (2011, p.305) destaca o desenho como “Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas ou ainda é a arte e a técnica de representar, com lápis, pincel, etc. um tema real ou imaginário expressando a forma”.

Assim, para Moreira (2002), Sans (2002) e Ferreira (2011), o desenho é uma ação que tem por finalidade a representação, uma ação dinâmica, não sendo um fazer imediato, muito pelo contrário o desenho é um processo que envolve todas as potencialidades do desenhista tais como as cognitivas, as físicas e as emocionais, de acordo com Moreira (2002).

Enquanto desenha, a criança apropria-se de novos conhecimentos e saberes sociais, históricos ou culturais. Já que para a criança desenhar é como brincar. Desenvolvem-se, portanto potencialidades cognitivas, e também emocionais, pois revelam através do desenho seus conceitos e valores na transformação do invisível em visível.

O desenho coopera com a proposta pedagógica da educação, proporcionando saberes artístico e cultural. É uma das mais variadas formas de aquisição do fazer artístico, promovendo o desenvolvimento global da criança.

O desenho permite à criança a oportunidade de se comunicar com o outro e expressar sua concepção de mundo, portanto deve ser apreciado como uma narrativa. Segundo Porcher (1982, P.106) “O desenho é um ato de inteligência, desenhar é um ato inteligente. Isto quer dizer notadamente que para a criança ele representa uma das maneiras fundamentais de apropriar-se do mundo e, em particular, do espaço”.

Oliveira (2000) afirma que na perspectiva sócio-histórico dialética o desenvolvimento gráfico da criança acontece através de um processo que envolve a história, a cultura e a sociedade e está diretamente ligado ao desenvolvimento físico, social, afetivo, emocional e intelectual da criança.

Tanto Vygotsky (1978, 1986) como Wallon (1934, 1942, 1959, 1973) concordam que: A natureza humana relaciona à afetividade a linguagem e a cognição com as práticas sociais em geral. Segundo eles, a consciência PE cunhada na vida social, dado que as formas culturais de organização do ambiente fornecem aos indivíduos que nele estão imersos os meios (conhecimentos, técnica e instrumentos) e os motivos para suas ações. (Apud OLIVEIRA, 2000, p.62).

Com frequência os desenhos de crianças pequenas são desvalorizados, desmerecendo assim, o processo de desenvolvimento na expectativa de uma representação quase perfeita, ou bem próxima da realidade, Sans (1987).

Na opinião de Ferreira (2005), muito comumente encontramos atividades com figuras perfeitas, prontas para serem coloridas ou preenchidas pelas crianças. Não queremos desmerecer a importância da pintura e as inúmeras possibilidades de desenvolvimento. O que observamos é que o foco está invertido, não está na criança e no processo para desenhar, mas na busca do belo na concepção adulta que deseja resultados.

Tomando por base os escritos de Ferreira (2005) faremos um breve relato das fases do desenvolvimento gráfico infantil destacando sua importância para a criança pequena. A primeira etapa surge com as garatujas descontroladas, caracterizadas por movimentos longitudinais, movimentos repetitivos que confirmam a ação e geram satisfação por perceber a marca sobre a superfície. Não há preocupações com limites e cores, são gestos instintivos

que geram prazer e são repetidos várias vezes para confirmar seu movimento e constatar sua marca sobre o suporte, ela não movimentava o punho.

Essas garatujas se aperfeiçoam e os movimentos passam a ser mais controlados e intencionais, surgem formas circulares. Nessa fase do desenvolvimento os desenhos ainda são encarados como rabiscos sem valor estético. São aplicadas, atividades de colorir, quando na verdade as garatujas deveriam ser bem exploradas visando-se desenvolver a criatividade, o movimento e o prazer pelo ato de desenhar, efetivando assim um desenvolvimento significativo da criança. Para Ferreira (2005), as crianças desenhavam e gesticulavam, seus rabiscos são acompanhados de gestos que desejam mostrar o que deveria estar visível no desenho, concordando com Vigotsky (2000, p.142) quando afirma que: “Em geral tendemos a ver os primeiros rabiscos e desenhos das crianças mais como gestos do que como desenhos no verdadeiro sentido da palavra”, uma história que se revela em gestos e traços.

É uma etapa muito importante porque marcam os primeiros movimentos gráficos da criança pequena e que desenvolve tanto a fala que precede a grafia, como também revela características pessoais de cada criança, bem como todo um universo de sentimentos, pensamentos e temores. Evidenciando a afetividade construída nas relações humanas de acordo com Wallon (1975).

A segunda etapa ainda de acordo com Ferreira (2005) caracteriza-se por atos intencionais e planejados surge à forma celular fechada que é a cabeça. Uma fase na qual o desenho lembra a figura humana, sem o corpo. Os desenhos ainda em desordem é um campo aberto para desenvolver organização, observação, percepção e sensibilidade da criança.

Apesar de não ter consciência do significado do símbolo essa fase do desenvolvimento do desenho é repleto de significação para a criança que com criatividade representa pensamentos, sentimentos e valores. São ainda garatujas, porém, com uma história o que lhe atribui maior significação e particularidades. Conforme Vygotsky:

Quando uma criança libera seus repositórios de memória através do desenho, ela o faz a maneira da fala, contando uma história (...). Vemos, assim que o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. (VYGOTSKY, 2000, p.149)

Segundo Ferreira (2005), as representações nessa fase chegam bem próximas à realidade, a escolha das cores já são tendenciosas escolhidas buscando o modelo real, a preocupação é a representação fiel do objeto que serviu de modelo, os limites são observados, há um domínio da coordenação e do instrumento utilizado para a representação, bem como uma linha que representa o chão. Nesse momento o meio exerce grande influência das representações.

Almeida (2000, p78) fundamentada na psicogenética Walloniana afirma que: “O estudo da criança exige igualmente o estudo do meio ou dos meios em que ela se desenvolve.”. Na relação com o meio a criança constrói conceitos e valores, também identifica igualdades e diferenças. Na opinião de Moreira (2002), o desenho contempla todas essas possibilidades de desenvolvimento, despertando a imaginação, a observação, a comparação, a oralidade e o respeito pelas diferenças.

A importância da atividade do desenho para a criança pequena está em permitir a ela a possibilidade de expressar a aprendizagem já adquirida, revelando seus pensamentos, sentimentos e expectativas, bem como em abrir espaço para a construção de novos saberes, através da mediação com outras crianças ou um sujeito mais experiente, conforme afirma Almeida (2000).

O Papel do Professor como Mediador no Processo do Ensino do Desenho

Apresentamos aqui o papel do professor mediador, que não se posiciona como recipiente do saber, mas cria uma relação de troca, afetividade e confiança, sendo assim o professor não transmite conhecimento, mas como uma ponte, media o saber já construído e o que será adquirido.

Para Piaget a aprendizagem ocorre através dos processos de assimilação e acomodação que compõem a adaptação e restabelecimento do equilíbrio, acontece a partir da maturidade do sujeito que o capacita para se desenvolver e adquirir novos saberes em um processo que mencionaremos na abordagem psicopedagógica. Considerando que o processo ensino aprendizagem desenvolvido nas escolas são seriados e cronológicos.

As queixas que chegam ao psicopedagogo, sobre as dificuldades de aprendizagem, são oriundas da busca por soluções, para as crianças que não adquiriram os conhecimentos determinados para a idade prevista.

Para Vygotsky, porém, a aprendizagem compõe-se de conteúdos organizados e mediados numa relação social que tem como finalidade o desenvolvimento das capacidades humanas e acontece em um processo social, histórico e cultural, diretamente relacionada ao meio.

Com base na perspectiva da teoria sócio histórico cultural, reconhecemos a importância de outras abordagens, porém, optamos por essa, pois cremos que o desenho tem um enfoque diretamente ligado a interação histórica, social e cultural.

O desenvolvimento do desenho encaixa-se perfeitamente nessa abordagem. Como afirma Iavelberg (2008) sobre a teoria de Vygotsky (2000), ela diz que:

As ideias de Vygotsky colaboram para a compreensão das relações entre desenvolvimento e aprendizagem nos contatos interativos entre pares de níveis diferentes e objetos socioculturais. Hoje é possível entender que o desenho faz parte das aprendizagens tanto sociais quanto culturais, mediadas por informantes ou fontes de informação (IAVELBERG, 2008, p.25).

O ato de desenhar constrói-se de uma relação do desenhista e o seu mundo real ou imaginário, sendo os sistemas simbólicos os intermediários entre o sujeito e o mundo e a relação entre o homem e o mundo, não se dá de forma direta, mas, na opinião de Moreira (2002), mediada por um sujeito mais experiente. Quando desenha a criança apropria-se de símbolos historicamente constituídos e, para mediar esse desenvolvimento, o professor mediador deve levar em conta que a aprendizagem dá-se de forma dinâmica, porém por ser um processo é lento com mudanças constantes.

Para Iavelberg (2008) as pesquisas de Vygotsky (2000) apresentaram uma abordagem bastante modernista, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal colabora muito com a prática pedagógica do desenvolvimento gráfico infantil.

A compreensão que Vygotsky traz sobre as relações entre pensamento e linguagem e a influência do meio por intermédio das interações com os objetos sócio-históricos e culturais desenvolvidas mediante seu conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. (IAVELBERG, 2008, p.25).

Conforme o conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal o professor deve trabalhar nesta zona auxiliando a criança a desenvolver essa descoberta que já está próxima, que, muitas vezes não realiza de maneira autônoma, sozinha, mas com a mediação ela já realiza. A ação pedagógica deve acontecer nessa área, mediando essa ação tornando-a capaz de realizar a atividade proposta de forma não mais proximal, abrindo espaços para novos desafios e descobertas que se tornaram proximais e campo de ação do pedagogo, assim conceitua Vygotsky (2000).

Mesmo quando aos olhos do adulto tudo que a criança produz são rabiscos, esses rabiscos são fundamentais para o desenvolvimento gráfico significativo, desenhando, a criança aprimora o prazer de desenhar aprendendo técnicas e conceitos que auxiliam o desenhista.

A atuação do professor proporciona caminhos para que esses esquemas sejam construídos, pois a criança aprecia desenhar, ela cresce em um mundo de múltiplas linguagens e o desenho é uma dessas linguagens da qual naturalmente a criança se apropria para estabelecer comunicação.

As atividades de desenho precisam ter um objetivo claro, precisam ser planejadas como todas as ações pedagógicas, destacamos duas metodologias que serão mencionadas aqui, a prática pedagógica do Desenho Livre e do Desenho Cultivado.

Desenho Livre ou Espontâneo tem como proposta a livre escolha, a criança desenha o que quer e o que lhe seja significativo, sem influência ou intervenção pedagógica. Deve-se lembrar que a criança sofre influência social e cultural, logo, não há espontaneidade pura. Iavelberg diz que: “A criança desenha mergulhada em um meio ambiente onde já existem imagens que queiramos ou não, exercem influência em sua ação gráfica” (IAVELBERG, 2008, p. 102).

E permitir que a criança fique entregue a si mesma sem intervenção de um sujeito mais experiente é limitar a construção de novos saberes que poderão promover um desenvolvimento significativo.

Iavelberg (1995) defende que o desenho cultivado não descarta a liberdade em produzir, porém diferentemente do desenho livre, considera a influência cultural e social, e apropria-se dessa característica, para mediar à ação do desenhista.

Reconhecendo que o desenho é uma ação física e emocional que representa por meio de movimentos gráficos os pensamentos e sentimentos do desenhista, essa ação se desenvolve a partir da mediação do sujeito mais experiente, que oferece mecanismos, técnicas e instrumentos que aprimoram sua ação e o torna cada vez mais autônomo de acordo com Iavelberg (1995).

Ela conceitua como instrumento tudo aquilo que se interpõe entre o homem e o ambiente, ampliando e modificando suas formas de ação, são criados pelo homem para lhe facilitarem a ação sobre a natureza, à medida que o homem modifica a natureza, ele modifica a si e também ao meio.

Em sua opinião a técnica é o meio pelo qual o professor irá mediar visando ao desenvolvimento gráfico da criança. Não tem por finalidade oferecer treinamento e adestramento da mão, mas adequar os materiais para que o seu uso ofereça o resultado esperado, melhorando a ação e respondendo ao anseio do desenhista. Para Iavelberg o desafio do professor consiste em: “Adequar o saber técnico ao saber artístico da criança”. (1995).

O papel do professor mediador apropria-se das técnicas, dos instrumentos e das superfícies diversas como recursos para despertar a criatividade e proporcionar o desenvolvimento gráfico da criança.

O professor estimula na criança o observar, o pensar, o dialogar e o agir sobre seu próprio desenho, oferecendo ao desenhista subsídios necessários para novas possibilidades construtivas, afirma Iavelberg (1995).

Para Iavelberg (1995) o professor mediador deve oferecer oportunidade de leitura e releitura de obras famosas, antes é recomendável apresentar a biografia do artista, oferecendo dados pessoais, profissionais e detalhes da produção, assim a criança, observa a obra de posse de detalhes da produção, que a aproxima da obra e do autor.

O professor se coloca como um mediador/instrutor de conhecimentos culturais, e a intervenção que realiza fica evidente e pode ser avaliada

pela qualidade do material que seleciona, organiza e traz para a classe. Faz parte do processo de trabalho mostrar uma reprodução do original e contar para as crianças a que artista pertence à obra, de onde o detalhe que serve de interferência saiu, bem como qual a linguagem em que foi desenvolvido (...). Essa apreciação prévia permite que as crianças tenham mais condições para dar continuidade ao trabalho (IAVELBERG, 1995, p.36).

Dessa forma a produção não será mecânica e alienada, Iavelberg esclarece ainda que: “A criança acomoda bastante seus modelos a modelos presentes no meio, inventando a partir de padrões e modelos assentes no ambiente cultural a que tem acesso” (1995, p.25). A atividade será significativa desenvolvendo a sensibilidade e criatividade do desenhista.

A criança aprende também com os iguais, observando as produções de seus amigos, verbalizando descobertas e dificuldades, através de uma releitura do desenho, utilizando exposição em mural ou varal de produções que permitam apreciação de sua produção e de outras crianças motivando a observação atenta, a valorização do trabalho realizado e o respeito à produção de outros. Iavelberg afirma que:

Fazer desenho, ler o próprio trabalho e o dos colegas podem garantir ao aluno uma aprendizagem eficaz. Os desenhos que os alunos realizam na escola a partir da escolha de temas, técnicas e materiais através de suas ideias e motivação pessoal, podem ser considerados o motor de seu interesse e satisfação com a área de conhecimento, colaborando com o desenvolvimento artístico e estético do aluno (IAVELBERG, 2008, p.78).

Para a criança desenhar é também brincar com movimentos, formas e imaginação. Almeida apoiada pela abordagem de Wallon que apresenta uma proposta de desenvolvimento intelectual, mas também afetivo, desafia o professor a desenvolver o respeito à criança na prática de aceitação, que consiste em conhecer em que etapa do desenvolvimento ele encontra-se e como o meio em que vive coopera com esse desenvolvimento.

É papel desse mediador, não impor limites, mas oferecer caminhos, perceber que sua intervenção deve ser evolutiva, promovendo a autonomia até o ponto em que a ação do aluno se dará sozinha, essas atitudes valorizam e motivam a criança a expor em movimentos gráficos seu interior, é uma prática muito desafiadora para o professor que também é um ser

integral, com sentimentos e emoções que se envolvem na dinâmica prática pedagógica, assim nos diz Moreira (2002).

Para Wallon, o professor é um ser integral e, em desenvolvimento afetivo e cognitivo, e sua ação dá-se em relacionamento com pessoas que assim como ele são integrais e em desenvolvimento afetivo e cognitivo, a diferença é que somos o sujeito mais experiente nessa relação, nossas ações podem promover um meio mais favorável ao desenvolvimento (1975).

A importância psicopedagógica do desenho

Para percebermos a importância psicopedagógica do desenho torna-se necessário sabermos o que é psicopedagogia e qual o seu objeto de estudo.

Psicopedagogia é uma área de estudo que se propõem a estudar o processo de aprendizagem e suas dificuldades, ou seja, o ato de aprender e ensinar, considerando fatores internos e externos. É de caráter preventivo e terapêutico.

O psicopedagogo é o profissional que busca a identificação e a resolução dos problemas no processo de aprender, está capacitado a lidar com as mais diversas dificuldades de aprendizagem, com objetivo de diagnosticar a problema e encontrar possíveis soluções.

Muitas vezes as soluções dos problemas diagnosticados por um psicopedagogo não está na sua área de atuação, nesse caso ele deve trabalhar em parceria com outros profissionais, tais como: pediatras, nutricionistas, psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas, oftalmologista, otorrino e outros.

Para Porto: “A psicopedagogia é um campo de atuação que integra saúde e educação e lida com o conhecimento, sua ampliação, sua aquisição, suas distorções, suas diferenças e seu desenvolvimentos por meio de múltiplos processos” (2007, p.77).

Como podemos perceber o objeto de estudo da psicopedagogia é a aprendizagem humana, sabemos que as dificuldades no processo ensino aprendizagem não têm apenas uma causa, ou um fator gerador daí a necessidade da atuação multiprofissional. No qual a particularidade e individualidade de cada um deve ser estudada, investigada e priorizada por todos os profissionais envolvidos.

Segundo Porto (2007) o pensamento de Piaget sobre o desenvolvimento do sujeito se dá em um processo de maturidade orgânica e neurológica que observa determinadas faixas etárias. Essas fases do desenvolvimento são assim estabelecidas cronologicamente:

- Sensório-motor: fase percebida em crianças de zero a dois anos, na qual a aprendizagem desenvolve-se através do controle motor.
- Intuitivo ou simbólico: crianças de dois a sete anos, a aprendizagem está vinculada a descoberta de símbolos e aquisição da linguagem.
- Operações concretas: crianças de sete a doze anos, marcada por atingir um pensamento lógico sobre coisas concretas e apresenta maior capacidade de reflexão, bem como, maior possibilidade de socialização.
- Operações formais ou hipotético-dedutivas: crianças a partir dos doze anos destaca-se nessa fase a capacidade de entender conceitos abstratos.

Observando a Teoria Piagetiana Porto afirma que: “Respeitando-se a maturidade de seu pensamento e a individualidade. Cada aluno está em um nível de desenvolvimento e, a partir deste dado, deve o professor respeitar a ação no ritmo, no tempo peculiar de cada um, sem antecipá-lo na ação, exceto em situações frustrante para ele” (2007 p.28).

Percebemos que pedagogos e psicopedagogos, devem respeitar a particularidade de cada criança, reconhecendo que quando a aprendizagem não acontece na idade cronologicamente esperada cria uma situação frustrante tanto para o professor como para a criança e familiares.

A escola propõe uma aprendizagem sistemática seriada e muitas vezes desconsidera as particularidades do eu e suas relações com o meio.

A escola não pode esquecer que toda prática verdadeiramente pedagógica tem por finalidade o desenvolvimento da pessoa e o fortalecimento do eu. Sua intenção, portanto, tem de ser levar o aluno a fortalecer sua autoestima, ter confiança em si e nos outros, ter respeito próprio. E, assim fortalecido, pode ser solidário em suas relações (Almeida 2000 p.85).

Sendo assim, muitas vezes a ação psicopedagógica precisa atender a uma demanda que não está relacionada apenas e exclusivamente à criança, mas vai muito além alcançando a instituição, (escola) não apenas o espaço geográfico, mas também o corpo docente e demais funcionários que direta ou indiretamente relaciona-se com a criança.

Visitar também a sala de aula, observando vínculos estabelecidos e relacionamentos com colegas e professores. Também a família visando conhecer hábitos e costumes, bem como os conflitos e dificuldades encontrados nesse espaço que afetam o desenvolvimento da criança.

Vigotsky concordando com Almeida afirma que: “Não se pode falar em aprendizagem sem, portanto, considerar todos os aspectos relevantes na vida desse sujeito que se relaciona e troca, a partir da criação de vínculos” (VIGOTSKY-2000).

O desenho é um importante recurso para o ensinante, pois representa esses vínculos, tornando visível o invisível e em alguns momentos os segredos existentes no inconsciente do sujeito. Esses muitas vezes são os principais geradores das queixas, sendo assim, o desenho coopera com o trabalho do psicopedagogo oferecendo maior clareza ao sintoma e um diagnóstico mais preciso.

Segundo Oliveira: Através da observação do desenho da criança, podemos obter dados sobre seu desenvolvimento geral, assim como levantar hipóteses de comprometimento afetivo- emocional, intelectual, perceptivo e motor em suas múltiplas interferências (2009 p.41).

O desenho é a representação criativa que revela a totalidade cognitiva e afetiva das crianças que quando se sente segura se identifica com sua representação. Do contrário torna visível suas angustias e desprazeres, apresentando insegurança, falta de autonomia, vergonha, temores.

Através da representação gráfica repleta de significado a criança se percebe como construtor, se conhece, se envolve e se revela, muitas vezes não está ali a primeira vista, necessário é que o psicopedagogo, faça a leitura atenta da representação gráfica, averigüe, sonde, questione, deixe falar sobre o desenho, mas com muito cuidado dando liberdade para

que a criança fale o que quiser e como quiser, para que seja revelado aquilo que não ficou claro aos olhos do ensinante.

O desenvolvimento da representação gráfica apresenta a primeira infância e suas grandes conquistas estruturais cognitivas, emocionais e físicas. A primeira é quando ela percebe a relação gesto-traço, ou seja, quando percebe que o risco é uma resultante do seu movimento com o lápis. A segunda é quando compreende que pode representar intencionalmente um objeto graficamente e, a terceira, quando consegue organizar essas representações, formando todos significativos, primeiramente muito mágicos e subjetivos, e depois, cada vez mais complexos, detalhados e próximos à realidade objetiva (OLIVEIRA, 2009 p.43).

Essa evolução continua e quanto mais à criança vai se apropriando de habilidades e organizando suas representações gráficas, essas vão se tornando coerente, representando assim a evolução do processo de estruturação mental.

Desta forma o psicopedagogo poderá se apropriar das representações, vendo o aprendente como ele verdadeiramente é e poderá compreendê-lo melhor, diagnosticando os problemas e indicando as devidas soluções e encaminhamentos quando necessário.

Conclusão

Uma perspectiva totalmente futurista, preparar hoje para uma resposta futura, o desenho era uma das muitas atividades oferecidas às crianças visando o desenvolvimento da escrita, não pensava no desenvolvimento integral da criança exatamente na fase em que se encontrava.

As leituras e pesquisas realizadas para esse fim levaram-me a perceber o desenho como fundamental no processo ensino aprendizagem, não apenas porque se trata da primeira escrita da criança, mas, sobretudo, porque oferece à criança um desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, envolvendo movimentos e saberes de maneira prazerosa e envolvente.

Além disso, para a criança o desenho é lúdico, é um jogo ou uma brincadeira em que seu mundo interior apresenta-se de forma concreta no seu traçado, intencional ou não intencionalmente.

Também desenvolve o cognitivo, em que a criança apropria-se do conhecimento a partir da ação do educador, como também desenvolve a oralidade, pois a fala precede o desenho e o ato de desenhar vem sempre acompanhado de falas e gestos.

Mas enquanto desenha a criança mostra-se apresentando também todo um envolvimento emocional, fundamental para um desenvolvimento sensível, criativo, sadio, seguro e que torna a criança autônoma. Se as atividades forem bem trabalhadas e diversificadas, os resultados serão surpreendentemente enriquecedores.

Psicopedagogicamente revela sentimentos, pensamentos e dilemas intencionalmente não ditos ou outras vezes nem percebidos pelo sujeito revelando as dores da alma que muitas vezes afetam o sujeito prejudicando sua aprendizagem e comportamento, trazendo frustração, reprovação, desistência, desmotivação ou abandono dos estudos.

Esse trabalho foi escrito com a finalidade de proporcionar um olhar mais ampliado para a arte de desenhar, nosso desejo é que ele possa cooperar com a ação pedagógica e motivar ideias e projetos contendo objetivos e metodologias intencionalmente pensadas e realizadas para promover o desenvolvimento integral da criança, no qual o cognitivo e o emocional sejam contemplados.

Referências

ALMEIDA, Laurinda. R. Wallon e a educação. In: MAHONEU, Abigail; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (Org.). **Henry Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.p. 71-87.

ALVES, Nancy Nonato de Lima. Educação Infantil e Gestão Democrática: Limites e possibilidades da Participação da Família. In: **Anais XV Endipe: Convergências e Tensões no Campo de Formação e do Trabalho Docente**: políticas e práticas educacionais. Belo Horizonte: 2010. p.27-38.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano de crianças. Porto Alegre: Mediação, 1999.131p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo. 2011.

FERREIRA, Aurora. **A criança e a Arte**: No dia-a-dia na sala de aula. Rio de Janeiro: Wak, 2005.

GHIRALDELI Jr. Paulo. Pedagogia e infância em tempos liberais. In: SILVA JR. Celestino (et al). **Infância educação e neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996.p. 11-41.

- HEYVWOOD, C. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.p. 23-59.
- LEITE, Maria Isabel. OSTETTO, Luciana E. (org). A criança desenha ou o desenho criança? In: **Arte, Infância e Formação de Professores**. São Paulo: Papiros, 2003. p. 61-78.
- IABELBERG, Rosa. **Arte na sala de aula: O desenho cultivado da criança**. Porto Alegre: Zouk, 1995.
- IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2008.103p.
- KUHLMANN JR, Moysés. Políticas para a educação infantil: uma abordagem histórica. In: **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2004. 210p.
- MERISSE, Antonio (et al). **Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creches e orfanatos**. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.
- MOREIRA, Ana Angélica Albana. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyola, 2002.127p.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. Interações Sociais e desenvolvimento: a perspectiva sócio histórica. In: **CADERNOS CEDES**. Implicações pedagógicas do modelo histórico-cultural. São Paulo, nº. 35, Jul/2000.p. 62-77.
- OLIVEIRA, Vera Barros e Bossa Nádia A. (orgs) **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. 18ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- PORCHER, Louis (org). O desenho. In: **Educação Artística: Luxo ou necessidade?** .São Paulo: Summu. 1982.
- SANS, Paulo de Tarso Cheida **Pedagogia do desenho infantil**, Campinas: Alínea, 1987.
- PORTO, Olívia **Bases da Psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem**, 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.
- VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância (in) visível**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2007. p.25-52.
- VEIGA, Cynthia Greive. As crianças na história da educação. In: SOUZA, Gizele de (org). **Educar na infância: perspectivas histórico-sociais**. São Paulo: Contexto, 2010.p. 21-40.
- VYGOTSKY, L.S. A **A educação no comportamento emocional**. Em Vigotsky, L, S **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (p.445-464).
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.p.103-159.
- WALLON, H. As etapas da sociabilidade na criança. In: Wallon, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa 1975.p. 201-224.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes 2000.207p.

Bibliografia Consultada

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Brasileiro de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** 2009, seção1. p.18.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Arte.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PHILIPPE, Ariès **História Social da Criança e da Família,** Rio de Janeiro: LTC. 1981.